

Aspectos das práticas escolares da escola de Língua Japonesa e Internato de Pilar do Sul: rituais e festas

The different practices at the “Japanese Language and Bording School” in Pilar do Sul: rituals and festivals

Adriana Aparecida Alves da Silva*

Wilson Sandano**

* Doutora e Mestre em Educação pela Universidade de Sorocaba. Graduada em Pedagogia. Professora titular da Universidade de Sorocaba (UNISO).
E-mai: xx.dri@bol.com.br

** Doutor e Mestre em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba. Graduado em Pedagogia pela Universidade de Sorocaba (UNISO). Professor titular da Universidade de Sorocaba (UNISO).
E-mail: wilsonsandano@uol.com.br

Resumo

Os resultados apresentados neste artigo fazem parte de pesquisa que investigou o campo escolar de Pilar do Sul, SP. Em meados da década de 50, esse campo era constituído por quatro escolas, entre as quais a Escola de Língua Japonesa. Este trabalho busca compreender a história dessa escola, analisando os rituais e festas do cotidiano escolar como parte de suas práticas que compõem as “culturas escolares” no período referente a 1950, ano de fundação, a 1970, ano de fechamento da escola. Foram utilizadas fontes escritas, orais e iconográficas, considerando a posição de Le Goff (1990) sobre a ampliação da noção do documento. A análise evidenciou, entre outros aspectos, que os rituais e festas eram mais do que atividades escolares, eram momentos propícios para a difusão de conhecimentos, normas e valores legitimados pela escola e pela comunidade japonesa.

Palavras-chave

Imigração Japonesa. Rituais e Festas escolares. Pilar do Sul.

Abstrat

The results presented in this paper are part of a research carried out about schools in Pilar do Sul, SP. In the middle of the 50s, the city only had four schools, including the Japanese language and boarding school. This paper looks at understanding the history of this school, analysing the habits and festivals and the schools routine as part of it's practices that makes up the schools culture from 1950 to 1970 (from the opening of the school to the closing of the school) We used written, oral and iconographic sources, following Le Goff (1990) guidelines about the expansion of the document concept. The analysis showed, among other things that the rituals and festivities were more than simple school activities, these were prosperous times to share knowledge, values and norms legitimized by the school and by the Japanese community.

Key words:

Japanese Immigration. Rituals and Celebrations school. Pilar do Sul.

Introdução

Este trabalho apresenta parte dos resultados obtidos na pesquisa que aborda o campo escolar de Pilar do Sul¹, que era composto por quatro tipos de escolas: as isoladas rurais, o grupo escolar, o ginásio estadual e a Escola de Língua Japonesa e Internato.

Procuramos analisar os rituais e festas da Escola de Língua Japonesa e Internato de Pilar do Sul, no período compreendido entre 1950 a 1970.

Consideramos os rituais e festas como parte das práticas que compõem a cultura escolar. Entendemos a cultura escolar no mesmo sentido adotado por Dominique Julia:

Poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas. (JULIA, 2000, p. 10).

Optamos por utilizar a cultura escolar como categoria de análise, por nos

permitir analisar, segundo Viñao Frago (1995, p. 200), a organização, valores, saberes, estratégias e diferentes práticas estabelecidas e compartilhadas no interior das escolas por todos os sujeitos envolvidos nas atividades específicas de natureza escolar, sejam elas realizadas por alunos, professores, outros profissionais da escola ou até mesmo pela comunidade.

Tendo em vista a abrangência dessa categoria, fizemos um recorte em nossa problemática, priorizando os rituais e festas do cotidiano da Escola de Língua Japonesa e Internato de Pilar do Sul.

Compreendemos os rituais como um conjunto de gestos, palavras e formalidades, várias vezes imbuídos de um valor simbólico, cuja performance é usualmente prescrita por uma religião ou pelas tradições da comunidade. Eles podem ser executados por um único indivíduo, um grupo, ou por uma comunidade inteira, em locais específicos ou diante de determinadas pessoas.

Assim como os rituais, as festas possuem formas de organização, seleção, com regras próprias, que também são imbuídas de um valor simbólico e de significados. Nesse sentido esses eventos podem ser apreendidos como registro da identidade cultural de um grupo.

De acordo com Bencostta:

As festas escolares são compreendidas como emissoras de uma linguagem coletiva que não deixa de lado

¹ Pilar do Sul, atualmente possui aproximadamente 26.000 habitantes, economia baseada na produção agrícola e localizada na região sudoeste do estado de São Paulo, BR.

sua característica primaz: expressar planos simbólicos diversos, aprendidos por aqueles que delas têm algum tipo de participação [...]. (BENCOSTTA, 2006, p. 3.858).

Para analisar os rituais e festas da Escola de Língua Japonesa e Internato de Pilar do Sul, foram utilizadas fontes secundárias e primárias como documentos escritos, fontes orais e iconográficas.

Le Goff (1990) adverte sobre a ampliação da noção do documento, tomando-o em um sentido mais amplo, “documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, imagem ou qualquer outra maneira”. Destaca ainda que, na falta do documento escrito, cabe ao historiador “fabricar o seu mel, na falta das flores habituais”, com palavras ou outros meios.

As fontes orais e as iconográficas se tornaram imprescindíveis para esta pesquisa, principalmente pela escassez de documentos escritos sobre os japoneses em Pilar do Sul, além de que os poucos existentes, redigidos estão em japonês.

O entrelaçamento das diversas fontes orais com as imagens permitiu a interpretação das memórias dos imigrantes japoneses em Pilar do Sul e suas imagens. Segundo Mauad:

[...] as imagens não falam por si mesmas, interpretar seus significados, atribuir-lhe valor estético, compreender suas representações sociais, descrever seus espaços de sociabilidades comportamentos subjacentes, identificar seus personagens, tudo isso obriga aos estudiosos das imagens do passado o recurso a outras fontes

de informação. Dentre estas, o relato oral, quando possível, é o que mais se acomoda às tramas da memória. (MAUAD, 2009, p. 03).

Tendo em vista o cotejamento de informações entre as fontes, utilizamos a fotografia entrelaçada, principalmente, com fontes orais, sem a exclusão das demais fontes.

Fruto desse constante diálogo com as fontes, apresentaremos de forma breve a presença dos imigrantes japoneses em Pilar do Sul, a criação da escola japonesa e seu processo de legalização e por fim os rituais e festas da Escola de Língua Japonesa e Internato de Pilar do Sul, como parte da cultura escolar que indicava tradições, comportamentos e valores que se pretendia perpétua.

A chegada e presença dos imigrantes japoneses em Pilar do Sul

Os imigrantes japoneses chegaram a Pilar do Sul em 1945, após terem vivido anos em fazendas, principalmente de café, em outras regiões do Estado de São Paulo, e estavam tentando comprar suas próprias terras depois de tempos de economia.

A região era considerada ideal para se estabelecerem, pois possuíam muitas terras apropriadas para o plantio dos novos produtos que os imigrantes japoneses queriam cultivar. Eles sabiam identificar a qualidade das terras, o melhor clima e tinham conhecimento de técnicas de manejo, possibilitando assim uma maior produção. Algumas poucas famílias japonesas chegaram a Pilar do Sul já com suas

terras compradas, pois o dono da Fazenda Moquém tinha loteado a fazenda, e vários corretores tinham vendido esses lotes para os japoneses e seus descendentes. A grande maioria comprou as terras após chegarem à cidade.

Esses japoneses e seus descendentes chegaram com a proposta de comprar as terras que não eram cultivadas pelos antigos moradores. Adquiriram as terras deixando os moradores locais em suas casas e lhes ofereciam emprego.

As famílias que se estabeleceram em Pilar do Sul procuravam facilitar a vinda de outras famílias japonesas para a região, estivessem elas no Brasil ou no Japão, aumentando assim o número de imigrantes japoneses e a formação de colônias². Segundo documentos da Associação Cultural e Desportiva (KAIKAN), foram fundadas em Pilar do Sul as colônias “Sertão”, “Barra”, “Bandeirantes”, “Sul Brasil” e “Tōzan”.

Com o crescimento das colônias, foi necessária a organização de uma nova forma de comercializar os produtos que eram cultivados pelas famílias, pois elas encontravam dificuldades para o escoamento da produção até São Paulo. O desenvolvimento do sistema de comercialização estava estreitamente relacionado com o desenvolvimento global da economia, ou seja, havia a necessidade de as colônias

ampliarem sua forma de comercializar o seu produto, o que foi feito por meio do cooperativismo³. Segundo Ricciardi (1990):

A premissa das cooperativas japonesas eram as mesmas do cooperativismo: tendo como identidade de propósitos e interesses; ação conjunta, voluntária e objetiva para a coordenação de contribuição e serviços; obtenção de resultado útil e comum a todos. (RICCIARDI, 1990, p. 101).

As cooperativas tiveram grande importância na produção e comercialização de produtos da agricultura, atuando em todas as fases do complexo agroindustrial, produzindo insumos⁴, principalmente ração e fertilizantes, promovendo a produção agropecuária e realizando a comercialização.

As cooperativas contribuíram para a ascensão social dos imigrantes japoneses e o desenvolvimento econômico da cidade. Segundo documento fornecido pelo AME⁵ à Prefeitura Municipal, Pilar do Sul foi considerado, na década de 50, o quarto município com maior produção agropecuária da região e um dos maiores produtores de batata, tomate e uva Itália, sendo superado apenas pelos municípios de Itapetininga, Piedade e São Miguel Arcanjo.

Esse crescimento econômico contribuiu para o processo de urbanização na

² As informações sobre as colônias japonesas de Pilar do Sul foram extraídas da revista de comemoração do cinquentenário da imigração japonesa em Pilar do Sul. As colônias eram formadas por grupos de famílias japonesas em diversas regiões rurais de Pilar do Sul.

³ É uma forma de associação de pessoas que se reúnem para atender a necessidades comuns por meio de uma atividade econômica.

⁴ Combinação dos fatores de produção que entram na produção de determinada quantidade de bens ou de serviço.

⁵ Não encontrei nenhuma informação sobre a sigla.

década de 50 e para a melhoria da infraestrutura da cidade. Em diversas atas de sessões da Câmara Municipal, entre 1953 e 1959, há registro sobre o andamento da instalação de serviço de correio, água e esgoto, coleta de lixo, instalação de um campo de aviação e informações sobre o convênio com o governo do Estado para fornecimento de energia elétrica.

A presença da imigração japonesa mudou a economia, ampliou os serviços da cidade e trouxe principalmente novos modos de viver e pensar que causaram euforia, estranhamento, curiosidade, distanciamento e até repressão.

Nos primeiros anos, os antigos moradores de Pilar do Sul estranhavam sua forma de viver e se relacionar. Os imigrantes, por sua vez, também estranhavam os costumes do povo local. Esse estranhamento gerava formas de exclusão de ambas as partes, que eram frutos das diferenças culturais e também resquícios das restrições impostas aos imigrantes japoneses durante o período de guerra.

Durante a Segunda Guerra Mundial, os imigrantes japoneses, assim como os alemães e italianos, sofreram restrições, foram proibidos de possuir aparelhos de rádio, falar a língua materna em público, fazer reuniões, foi imposto o salvo conduto⁶ e as escolas foram fechadas. Essas

⁶ O salvo conduto foi introduzido no Brasil pela polícia do Distrito Federal, com base nas Portarias n. 7576, de 26 de janeiro, e n. 8604, de 30 de outubro de 1942, legalizando o controle aos chamados “súditos do Eixo”. Assim, para se locomover de uma localidade para outra, esses estrangeiros eram

restrições continuaram a ser praticadas por alguns anos, após o fim da guerra. Segundo Morais (2001, p. 335), foi somente em 1956, no governo de Juscelino Kubitschek, que as restrições de guerra impostas aos imigrantes japoneses foram abolidas, e os presos japoneses foram libertados. Na vida cotidiana, porém, os imigrantes japoneses e seus descendentes ainda se sentiam censurados, pelas formas de tratamento que a população brasileira impunha aos estrangeiros ou seus descendentes, principalmente japoneses (mesmo porque, estes não tinham como esconder sua nacionalidade, estampada em sua fisionomia).

Os moradores japoneses ou seus descendentes de Pilar do Sul continuavam constrangidos em falar a língua japonesa fora das colônias, devido à repressão não declarada, e isso também acontecia com qualquer outro tipo de manifestação cultural.

Em Pilar do Sul, desde sua chegada, os japoneses se relacionavam mais com seus pares devido à dificuldade de falar português e também com intuito de manter suas tradições. Preservavam o culto ao imperador, as festas típicas, os costumes do cotidiano, sobretudo os voltados à alimentação e, principalmente, mantinham como exigência entre os mais jovens o casamento entre japoneses ou descendentes.

Pedro Antonio de Carvalho, morador local, relata como sua mãe e as mulheres

obrigados a portar um documento temporário que controlava o ato de “ir e vir” de todos os cidadãos alemães, japoneses ou italianos [...] (TAKEUSHI, 2002, p. 32).

da região estranhavam a forma como as mulheres japonesas se vestiam, com chinelos e meias; achavam que elas não sabiam cozinhar e por isso comiam tudo meio cru. Muitas zombavam das japonesas por não saberem ordenhar as vacas, o que para elas era uma habilidade essencial que se aprendia quando criança.

Os japoneses e descendentes também estranhavam a forma de viver do povo local, com uma alimentação regada a banha de porco, muito enfarinhada. Estranhavam também seus hábitos de higiene, com banhos em bacias, já que as casas, apesar de grandes, não tinham uma sala de banho.

Os hábitos e costumes do cotidiano japonês eram considerados estranhos pelos antigos moradores da cidade. Estes, depois que perceberam que as terras que haviam vendido estavam produzindo e gerando lucro, revoltaram-se contra os japoneses, o que criou mecanismos e estratégias de repressão.

A revolta não foi de toda a população, mas sim de um grupo dentro dela, formado por aqueles que tinham vendido suas terras aos imigrantes japoneses; os proprietários rurais e os comerciantes locais se sentiram enganados quando perceberam o crescimento econômico das famílias japonesas e seus descendentes.

Reprimiam a Associação Japonesa, fazendo denúncias. Entre elas, denunciavam a escola japonesa, já que, durante certo período, foi proibido o ensino em língua estrangeira para crianças menores de doze anos. Várias vezes os imigrantes japoneses foram chamados ao Grupo Es-

colar para serem alertados dessa proibição e o risco de serem presos.

Para os imigrantes japoneses não foi fácil chegar a uma nova cidade, desbravando novas terras, quase não falando português, com costumes muitos diferentes dos da população local. Para os moradores locais, também não foi fácil aprender a conviver com os recém-chegados. Essas dificuldades criaram uma barreira de estranhamento e exclusão que foi superada aos poucos, no decorrer dos anos, por meio do convívio no cotidiano e principalmente na relação de trabalho e no contexto escolar. A autorização legal para o funcionamento da Escola de Língua Japonesa e a criação do Internato, em 1962, contribuíram para dissolver essas barreiras.

A Escola de Língua Japonesa e Internato de Pilar do Sul

Nas colônias japonesas, um dos objetivos era a educação dos filhos e a promoção da cooperação entre os membros da comunidade. Algumas vezes, antes mesmo da construção das sedes de associações para seus encontros comunitários e sociais, os japoneses procuravam construir uma escola. Era aí que se reuniam para discutir os problemas da comunidade ou simplesmente comer e beber (HANDA, 1987).

Na colônia "Sertão", em 1949, com dez famílias, foi fundada a primeira *seinenkai* (associação dos jovens), onde começou a funcionar, em 1950, a primeira escola japonesa. Era uma pequena escola construída com a sobra da madeira que foi

retirada do local onde foram cultivadas as plantações. O professor Furutani ensinava às crianças a língua escrita e as tradições japonesas.

No início da imigração, a escola construída pelos japoneses, principalmente nas colônias, não exigia muitos gastos. Dependendo do caso, uma casa de pau a pique já servia, com as paredes de barro, a cobertura de sapé e o chão batido. Se o número de alunos fosse pequeno, as aulas podiam ser ministradas em alguma casa particular. A escola da colônia “Sertão” se encaixava nessas características (CEHOAJIB,1992, p. 32).

A escola foi fechada após o falecimento do professor Furutani e voltou a funcionar em 1952, com o professor Soichi Yoshiba. Este professor, após fundar um curso noturno na cidade, na casa de Guiti Watanabe e no barracão de Omori, começou a ir de bicicleta lecionar na colônia “Sertão” e na “Barra”⁷.

Após dois anos viajando de bicicleta, com a fundação do Kaikan na cidade, o professor Soichi Yoshiba passou a residir na colônia “Barra”, onde continuou a ensinar a língua japonesa e frequentemente organizava festas da cultura japonesa.

⁷ As aulas não eram diárias, pois as colônias eram distantes da cidade, como também eram distantes uma das outras e as estradas eram precárias. As aulas das colônias aconteciam em forma de rodízio. No período que a escola funcionava na ilegalidade ela teve os seguintes professores Furutami – 1950, Yoshiwa Soishi – 1952, Yasuda – 1953, Nagatomo – 1953, Saito Masako – 1956 e Kobayashi Tadashi – 1956 a 1964. Não encontramos informações sobre a formação desses professores.

A direção do Grupo Escolar comunicou os pais por três vezes, mas as aulas continuaram sendo dadas, apesar da ilegalidade, em casas de colonos da zona rural e, a partir de 1956, na garagem da Cooperativa Agrícola de Cotia, no centro da cidade. Em 1959, com autorização para a abertura da escola, o Kaikan adquiriu da Cooperativa Agrícola Cotia um terreno, onde passaram a funcionar, em 1962, a Escola de Língua Japonesa e Internato de Pilar do Sul.

A Escola de Língua Japonesa e Internato de Pilar do Sul começou a funcionar legalmente em 1962, e tinha como objetivo manter as tradições japonesas por meio da educação. Os alunos frequentavam o Grupo Escolar ou Ginásio e, no outro período, a Escola de Língua Japonesa.

Segundo Demartine (1995), a preocupação dos japoneses em educar seus filhos no Brasil foi influenciada por dois fatores: primeiro, valorização da educação no começo do século XX no Japão, na Era Meiji; segundo, o alto grau de escolaridade dos nipônicos em relação a outras levas de imigrantes, sendo superados apenas pelos alemães⁸. Miyao afirma:

A revolução política e social iniciada na Era Meiji, em 1868, trouxe profunda transformação no regime da nação nipônica, dando prioridade à difusão da educação, difundindo-a de modo drástico [...]. Desde então o

⁸ Segundo pesquisa da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, que fez um levantamento a esse respeito com os imigrantes que desembarcaram no Porto de Santos entre 1908 e 1932.

Japão emergiu de uma nação fechada, de 300 anos de isolacionismo, conseguindo rápida modernização com a introdução maciça da cultura ocidental. O japonês que viveu uma época assim peculiar sentia no seu âmago que a instrução era a coisa mais importante da vida, sobrepondo-se a qualquer outra opção. O imigrante japonês que começou a chegar ao Brasil em 1908 também foi criado nesse ambiente. (MIYAO, 1980, p. 91).

Essa preocupação pode ser constatada entre os japoneses e seus descendentes, em Pilar do Sul, por meio das iniciativas de organização de associações e abertura da escola, que, mesmo sofrendo represálias e ameaças caso fosse descoberta, era mantida em funcionamento na ilegalidade, até conseguir obter sua autorização legal de funcionamento.

A Escola de Língua Japonesa e Internato de Pilar do Sul era uma escola comunitária, mantida pela contribuição social, o que Cehoaijb denomina como

contribuição social (mensalidade paga à Associação de Japoneses pelos sócios), doações espontâneas, subsídio oficial etc. O principal item das despesas é a remuneração do professor, mínima de 100 mil-réis e máxima de 400 mil-réis. [...] Quanto à mensalidade escolar, varia conforme a situação dos pais (proprietário ou arrendatário, e ainda do número de crianças que uma família manda à escola). (CEHOAIJB, 1992, p. 127).

A contribuição social era destinada para pagar os professores, comprar livros,

materiais e manter a estrutura da escola, tendo como parâmetro o modelo de escolas japonesas. Os imigrantes consideravam que dessa forma aproximariam as crianças das tradições japonesas, uma vez que aprendendo a língua e os costumes dos pais elas teriam uma formação adequada para viver no Japão.

Diferentemente de outras escolas japonesas que funcionaram no Estado de São Paulo que foram pesquisadas por Demartini e Kreutz, a Escola de Língua Japonesa e Internato de Pilar do Sul não era uma escola primária ou secundária. Seus alunos, mesmos os internos, a frequentavam em horário que não conflitasse com o do funcionamento do Grupo Escolar “Padre Anchieta” ou do Ginásio Estadual de Pilar do Sul.

Além de vivenciar as tradições e um pouco da cultura japonesa, os alunos estudavam principalmente a língua japonesa escrita, uma vez que a língua oral só precisava ser aprimorada, já que os alunos a aprendiam em casa com a família. Segundo o depoimento do morador local Mineo Maruya, nas casas dos japoneses ou seus descendentes, uma criança aprendia primeiro a falar o japonês e depois o português. Elas ingressavam na escola japonesa para aprender a escrever, ler e conhecer um pouco das tradições.

As atividades não eram divididas em disciplinas. Elas compunham um bloco de atividades e, como já destacamos, o método de ensino utilizado tentava aproximar-se ao máximo do método utilizado do

Japão, com materiais e livros utilizados nas escolas japonesas.

O método de ensino na seção de idioma nipônico nas escolas segue geralmente o modelo japonês, regime de seis anos... As matérias são vernáculo, educação moral, aritmética, geografia, história, ciências, ginástica e canções. Os livros escolares estavam baseados nos textos oficiais de ensino primário do Ministério da Educação do Japão. De maneira que havia muitas coisas incompreensíveis para os alunos, por muito que o professor se esforçasse em explicá-las. (CEHOAIJB, 1992, p. 126)

Além dos conteúdos regulares, a escola oferecia atividades esportivas e cursos, como o de corte costura, para meninas.

Segundo ex-alunos dessa instituição, as crianças, para serem matriculadas, deveriam ser japonesas ou descendentes de japoneses, não sendo aceita a matrícula de crianças não descendentes de japonês ou de outra nacionalidade. Nas décadas de 1960 e 1970, se um dos pais da criança não fosse japonês ou descendente, sua matrícula também não era aceita, o que a impedia de frequentar a escola e as atividades do Kaikan.

Analisando os depoimentos dos ex-alunos e fotografias da Escola de Língua Japonesa e Internato, podemos destacar a presença de alunos de diferentes idades no mesmo grupo. Isso ocorria porque a escola não era seriada, diferentemente do modelo de escola graduada das escolas estaduais, como o grupo escolar e o ginásio. Existia apenas um grupo de alunos

participando das diferentes atividades da escola, como aulas de língua japonesa, atividades sobre a história, geografia, cultura japonesa, atletismo ou curso de corte e costura⁹.

Segundo depoimento da ex-aluna Yoshi Yonemura Sasaki, assim como ela, muitas crianças, mesmo antes de ingressar no grupo escolar, frequentavam a escola japonesa, na qual ela ingressou com cinco anos.

As fotografias a seguir retratam mais que um momento escolar. Elas eternizam o cotidiano da escola, o grupo de alunos e professores. A disciplina e rigidez são representadas nas fotos pousadas, mas também a espontaneidade da infância nas brincadeiras, nos sorrisos e até mesmo no cachorrinho de estimação do professor Kobayashi são registrados.

⁹A professora Miyo Yoshiba deu aulas de corte e costura por quase dez anos na Escola de Língua Japonesa de Pilar do Sul. Era formada como professora de língua japonesa e corte e costura. Além dessa professora, a Escola de Língua Japonesa e Internato de Pilar do Sul teve os professores Kobayashi Tadashi – 1956 a 1964, Osaki Mamoru – 1964, Jujii – 1968.



Figura 01 – Alunos da Escola de Língua Japonesa e Internato e os professores Kobayashi e Miyo.

Fonte: Arquivo pessoal professora Miyo Yoshiba



Figura 02 – Alunos da Escola de Língua Japonesa e Internato e os professores Kobayashi e Miyo.

Fonte: Arquivo pessoal professora Miyo Yoshiba

Mergulhar no interior da escola japonesa e analisar práticas peculiares da cultura escolar propicia compreender não só o contexto escolar, mas também a insistência de um povo distante de sua terra natal em manter seus costumes e tradições perpetuando sua cultura entre as novas gerações.

Nesse contexto, as festas e rituais tinham papel importante dentro da organização escolar, pois eram uma forma de proporcionar experiências e vivências da cultura japonesa.

Rituais e festas

Analisar a história da Escola Japonesa e Internato significa falar de uma cultura escolar peculiar, com tradições e costumes singulares segundo os quais o ensino era pautado por diretrizes e normas disciplinares similares às das escolas no Japão. Essa escola não se restringia apenas ao ensino de língua japonesa, mas também de regras disciplinares, conteúdos e práticas que tinham como intuito a formação do corpo, mente e alma, proporcionando subsídios para que a criança, quando adulta, tivesse condições de viver no Japão.

A questão da hierarquia era muito importante, pois esta era uma forma de manter a disciplina e criar hábitos para a vida em família e sociedade. Na cultura japonesa, o respeito aos mais velhos é muito importante. Quando alguém de mais idade fala, o mais jovem obedece sem discutir.

A disciplina era rígida, com horários seguidos com precisão, e toda atividade a ser realizada tinha um ritual indicativo do

respeito devido a quem de direito: aos que têm mais idade, conseqüentemente mais experiência, ao Imperador, à família, aos costumes e às tradições.

Para que a disciplina fosse mantida, castigos corporais eram utilizados. As crianças que não seguissem as regras disciplinares, como o cumprimento de horários, o silêncio em sala, o respeito aos mais velhos e o culto ao imperador do Japão, eram castigadas. Segundo depoimento da ex-aluna Yoshie Yonemura Sasaki, os castigos corporais eram frequentes: “se fizesse alguma coisa errada apanhava com varinha de marmelo”.

Para que o aluno recebesse uma formação que articulasse corpo, mente e alma e pudesse mergulhar um pouco nas tradições japonesas, os rituais e festas tinham um lugar de destaque.

Segundo depoimentos de ex-alunos, o ano escolar da Escola Japonesa e Internato começava com a limpeza geral do prédio, realizada por todos os alunos e pais e, em seguida, com uma aula inaugural. O ano escolar terminava com a festa de formatura reunindo toda a comunidade. A solenidade de formatura iniciava-se com o hino nacional japonês, entrada dos formandos, discursos dos diretores do Kaikan, entrega de certificados e premiações aos alunos, discursos de encerramento e música de entoada por todos os membros da escola. Da solenidade de formatura, todos os alunos participavam, mesmo os não formandos. A cada pessoa que tomava a tribuna para discursar, os alunos se levantavam e faziam reverência, assim como cada formando fazia reverência ao

público após o recebimento do certificado. Após a solenidade de formatura, acontecia

uma confraternização, registrada nas fotos a seguir.



Figura 03 – Confraternização dos alunos da Escola Japonesa e Internato.

Fonte: Arquivo pessoal professora Miyo Yoshiba

Os rituais estavam presentes, também, no cotidiano escolar, e não apenas em momentos especiais. Boa parte dos alunos, mesmo os não internos, realizava suas refeições na escola. No horário marcado, todos deveriam entrar em fila, em silêncio, posicionar-se próximos ao seu lugar e esperar a ordem do professor ou responsável para se sentar. Deveriam, em seguida, agradecer dizendo “itadakimassu”, que é uma expressão de saudação usada no início da refeição. Após isso, a refeição era servida. Depois dela, os alunos deveriam esperar o comando do professor para se levantar, dizendo “gotissousama”, que significa comida saborosa, e se retirar em

silêncio. O espaço onde foram realizadas as refeições tinha que ser deixado em perfeita ordem. Os alunos internos tinham as refeições oferecidas pela escola. Os não internos, conquanto pudessem fazer as refeições na escola, tinham que trazer o alimento de casa. Boa parte dos alunos que não ficava no internato morava na cidade e fazia as refeições em sua própria casa.

As aulas de caligrafia auxiliavam a disciplinar mente e alma, exercitando a concentração e a paciência. Os exercícios de grafia eram essenciais para o bom entendimento da língua, mesmo porque os trabalhos tinham sempre que ser feitos com extrema organização e capricho.

Havia várias festas durante o ano, mas gostaríamos de destacar as principais: a comemoração do aniversário do Imperador do Japão, a festa da colheita e o Undokay (gincana esportiva familiar).

A festa em comemoração ao aniversário do Imperador do Japão, apesar de simples, era considerada importante. Segundo depoimento do ex-aluno Akira Morioka, os alunos realizavam juramentos de lealdade e prestavam homenagens ao Imperador se posicionando e fazendo reverências para o lado do sol nascente.

Segundo Akira Morioka, o Undokay acontecia sempre entre maio ou junho e durava o dia todo. A festa, organizada pelo Kaikan, envolvia todas as famílias em um momento de encontro e de confraternização entre as gerações, com a participação em diversas atividades. As principais eram:

- a) O “Gojyû meetoru kyoso”, corrida de 50 metros para crianças.
- b) O “Hyaku meetoru kyoso”, corrida de 100 metros.
- c) O “Riree”, corrida de revezamento 4 x 100 metros.
- d) O “Ninin sankyaku”, corrida de 3 pernas – amarra-se a perna direita de uma pessoa à perna esquerda da outra e, abraçadas pelos ombros ou pela cintura correm juntas por 50 metros.
- e) O “Yomesan sagashi”, corrida da “procura de noiva” – um grupo de rapazes é formado na linha de partida, e um grupo de igual número de moças é formado na metade do percurso da corrida. Na metade da distância entre os dois grupos, cartões com os nomes de cada moça são deixados no chão. Os

rapazes saem correndo, cada um pega um cartão e vai até o grupo de moças, procurando e chamando pela jovem cujo nome pegou. Assim que encontra seu par, ambos devem correr de mãos dadas até a linha de chegada.

- f) O “Supuun reesu” – equilibrando um ovo em uma colher de sopa em uma das mãos, as senhoras devem percorrer 50 metros sem deixar o ovo cair.
- g) O “Karimono kyoso”, corrida do “empréstimo”, na qual meninos e meninas correm numa pista que tem na metade do percurso cartões com o nome de um objeto comum (cinto, lenço, relógio de pulso, presilha de cabelo, pulseira etc.). Cada um pega um cartão e vai até amigos e familiares, pedindo emprestado o objeto citado no cartão. Assim que alguém lhe dá o objeto, a criança volta ao percurso para terminar a corrida e devolve o objeto a seu dono.
- h) O “Tsunahiki”, cabo-de-guerra.
- i) O “Takara sagashi”, corrida da “caça ao tesouro”, na qual se divide a distância a ser percorrida em 3 terços. A um terço da linha de partida, são colocados cartões no chão, com o desenho de um objeto, a dois terços são colocados fora de ordem cartões com o nome de cada objeto correspondente. As crianças devem sair correndo, pegar um cartão desenhado, chegar aos cartões escritos e encontrar aquele que corresponde ao cartão desenhado. Assim que achar o cartão correto, devem terminar o percurso.
- j) O “Taiya korogashi kyoso”, corrida de pneus.
- k) O “Kani kyoso”, corrida de caranguejo.

- l) O “Keisan kyoso”, corrida do cálculo, em que cartões com uma proposta de cálculo simples sem o resultado são deixados no chão, na metade do percurso (por exemplo, $5+3=$, $7 \times 2=$, $10-8=$ etc.). Munidas com um lápis, cada criança corre, pega um cartão, escreve o resultado e termina o percurso. Obviamente vence a criança que chegar primeiro com o resultado correto escrito no cartão.
- m) O “Tamaire kyoso”, bolinhas ao cesto, em que as crianças são divididas em

dois times, que correspondem às cores – geralmente branco e vermelho – de dezenas de bolinhas de pano, recheadas com retalhos, do tamanho de bolas de beisebol. Uma pessoa, de preferência com um capacete na cabeça, segura no centro do campo um grande balde instalado na ponta de uma vara ou cano com aproximadamente 4 m de altura, no qual as crianças devem, durante 5 minutos, jogar e tentar encestar o maior número de bolas da cor de seu time.



Figura 04 - Alunas da Escola de Língua Japonesa e Internato participando do Undokay.

Fonte: Arquivo pessoal família Takahashi

O Undokay era encerrado com as crianças jogando bolinhas para quebrar um recipiente que ficava no alto de uma

vara. Quando ele era quebrado, caía uma chuva de pedaços de papel, como podemos observar na figura 05.



Figura 05 - Crianças durante o encerramento do Undokai.

Fonte: Arquivo pessoal Miyo Yoshiba

A festa em comemoração à colheita era o momento de agradecer a boa colheita e confraternizar depois de meses de trabalho, realizando danças por toda comunidade e cantos.

As festas reuniam os alunos e os pais: eram momentos em que os trabalhos escolares eram expostos, os alunos e os pais faziam apresentações de música e

danças. Os rituais e festas eram mais do que atividades escolares: eram momentos de encontro das famílias e de reviver e perpetuar a cultura japonesa entre as gerações.

Considerações Finais

A Escola de Língua Japonesa e Internato de Pilar do Sul não apenas ensinava os costumes, valores e tradições japonesas, era a guardiã desses valores que constituíam a identidade e a memória de um grupo.

Dessa forma, ao estudar os rituais e festas escolares não podemos reduzi-los a momentos do cotidiano ou confraternização, descontração e alegria, mas precisamos entendê-los como momentos especiais, de integração, de exaltação de valores e tradições de um grupo. Em outras palavras, os rituais e festas eram momentos propícios para a difusão de conhecimentos, normas e valores legitimados pela escola e pela comunidade japonesa. Compostos por normas práticas com objetivos educativos, os rituais e festas escolares revelam características importantes da cultura escolar. Sendo próprios da cultura escolar, os rituais e festas transformam-se de acordo com o momento histórico e, nesse sentido, são concebidos, apropriados e representados pelos sujeitos envolvidos de diferentes maneiras.

Referências

BENCOSTTA, M. L. A. Histórias, cultura e sociabilidades: representações e imagens das festas escolares (Curitiba, 1903-1971). In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2006, Uberlândia. *Anais...* Uberlândia: UFU, 2006. p. 3857-3868.

CEHOAIB. Comissão de Elaboração da História dos 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil. *Uma epopéia moderna - 80 anos da imigração japonesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec; Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992.

DEMARTINI, Zeila de Brito. Relatos orais de famílias de imigrantes japoneses: elementos para a história da educação brasileira. *Educação & Sociedade*, ano XXI, n. 72, p. 42, Agosto 2000.

HANDA, Tomoo. *O imigrante japonês: histórias de sua vida no Brasil*. São Paulo: T.A. Queiroz / Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, SP, n. 01, p. 9-43, jan/jun. 2001.

KREUTZ, Lúcio. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estrutura de apoio. *Rev. Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, Sept/Dec, n. 15, 2000.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e história: possibilidades de análise. In: CIAVATA, Maria; ALVES, Nilda (Orgs.). *A leitura de imagens na pesquisa social*. História, Comunicação e Educação. São Paulo: Cortez, 2004. p. 19-36.

MIYAO, S. Posicionamento social da população de origem japonesa. In: SAITO (Org.). *A presença japonesa no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz / Edusp, 1980.

MORAIS, Fernando. *Corações Sujos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RICCIARDI, Luiz. *Cooperativismo: uma solução para os problemas atuais*. Vitória: Linear, 1990.

SAKURAI, Célia. *Os japoneses*. São Paulo: Contexto, 2007.

VIÑAO FRAGO. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 0, p. 63-82, 1995.

Recebido em abril de 2013

Aprovado para publicação em maio de 2013